

DISCURSO DE  
**POSSE**  
CFA 12.01.17

ADM. WAGNER SIQUEIRA





**DISCURSO DE**  
**POSSE**  
**CFA 12.01.17**  
**ADM. WAGNER SIQUEIRA**

Direitos desta edição reservados ao  
Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro

Rua Professor Gabizo, 197 – Tijuca  
20271-064 – Rio de Janeiro – Brasil

1ª Edição – 2017

PROJETO GRÁFICO  
Guilherme Borges (CRA-RJ)

REVISÃO  
Érika dos Anjos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA JULIA TITO (CRA-RJ)

S618d Siqueira, Wagner.

Discurso de posse CFA 12.01.2017/Wagner Siqueira. – Rio de Janeiro: Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro, 2017.

28p.

ISBN: 978-85-99386-30-9

1. Discurso. I. Siqueira, Wagner.

CDU 808.51(042.5)

Vou apresentar e compartilhar com vocês algumas reflexões, observações e constatações colhidas por mim ao longo da campanha eleitoral nestes últimos meses. Campanha dura! Felizmente, chegamos a um bom resultado, bastante positivo.

São anotações brutas, sem quaisquer censuras, adaptações ou mesmo aprimoramentos. Refletem o calor dos acontecimentos, o estado d'alma de cada momento durante a luta renhida que travamos: alegrias e decepções, surpresas e esperanças, irritações e angústias, sentimentos antagônicos e algumas certezas.

Talvez contribuam para muitos me conhecerem melhor, muito além das distorções propaladas durante os embates na busca de apoios. Eleito presidente, é importante que todos me vejam no que penso no dia a dia, debaixo do fogo dos acontecimentos estressantes que acabamos de viver.

**Adm. Wagner Siqueira**

*Eleito presidente do Conselho Federal de  
Administração para o biênio 2017-2018*

## Diferenciação Entre Pessoa Física e Pessoa Jurídica

Pessoa Física é o indivíduo como pessoa, a pessoa como um ente singular e único, o indivíduo em toda a sua integridade e inteireza, respeito e dignidade, como pessoa humana.

Pessoa Jurídica é o exercício da representação ou do papel da pessoa física no exercício de seu cargo ou de sua função. É a sua simbolização como ente de representação institucional.

Normalmente, separo PF X PJ por serem dimensões essencialmente distintas.

As minhas análises, apreciações, reflexões e comentários são sempre sobre a pessoa jurídica, quando atuo no mundo das organizações.

É verdade, admito, que no cotidiano as pessoas costumam fazer confusão entre esses dois conceitos. Misturam as estações e confundem uma com a outra, como se fossem absolutamente indissociáveis. E aí se personaliza, se fulaniza, o que deveria ser compreendido como profissional, como institucional.

## As Eleições Chegam Ao Final

Desfazem-se as chapas e os compromissos delas decorrentes. Deve-se pensar agora superiormente na profissão, respeitados com legitimidade os pontos de vista divergentes. Todos devem se unir em torno dos ideais comuns. As pessoas passam, fica a profissão, fica a nossa organização, fica a nossa entidade construída dia a dia muito mais nas convergências do que nas divergências superáveis.

O estágio atual da profissão é o resultado da contribuição de muitos que nos antecederam, que deram muito de si, que se excederam no seu sentido de missão e de doação à causa de todos nós, à valorização e à profissionalização da Administração. Chegamos até aqui porque estamos assentados nos ombros dos gigantes que se nos antecederam.

## **CFA: precisa do novo!**

A vontade da profissão reclama alguma coisa de novo, muito além das postulações em torno da Presidência do CFA, da ocupação de seus cargos de direção. Reclama fundamentalmente a prevalência do novo, de uma nova forma de agir e de reagir, de uma nova forma de interagir no mundo das organizações e no universo da sociedade.

Reclama tanger o velho de nossa realidade. Entre nós, há muito o velho já cumpriu o seu papel.

Não basta fazer o velho melhor, muito menos fazer o “novo”, esse híbrido malsucedido em que o novo mantém tudo de velho e o velho nada tem de novo.

## **Despolitização do Plenário**

Praticamente se instituiu neste plenário uma curiosa tendência, uma verdadeira perversão político-cultural, segundo a qual o debate e a divergência, a busca pela convergência, contribuem para tornar as soluções mais difíceis. Pessoalmente, fui uma das vítimas desta perversão quando muitas vezes ousei discordar em Assembleias de Presidentes de pretensos consensos e de unanimidades derivados de cima pra baixo como ver-

dades estabelecidas. Paguei caro por tamanha ousadia! Os ataques de que fui vítima muitas vezes beiravam os limites da calúnia e da difamação.

A plenária existe para tratar de crises e de controvérsias. Esta é a razão de sua existência.

Assim, qualquer passo no sentido da sua despolitização é um golpe contra a sua própria existência.

## Ser Radical

Há momentos na vida das organizações que os seus dirigentes devem ser, antes de tudo, radicais. Ser radical é ir profundamente às raízes dos problemas, enfrentá-los e discuti-los. Superá-los.

Aos que confundem radicalismo com obtusidade, a etimologia poderá ensinar a restaurar a palavra em seu verdadeiro sentido. Sartre dizia que o radicalismo é a opção sensata no mundo de hoje.

A nossa profissão só vai sair do marasmo em que se encontra se compreender e encetar mudanças radicais e profundas nas formas, processos e ações com as quais o Sistema CFA/CRA tem se valido nos últimos anos, mercê de uma ocupação anômica e abúlica da direção da entidade, fonte e origem de muitos de seus males e dificuldades. Tal presidente, tal organização.

A presidência forma ou reforma, deforma ou perverte a organização. Plasma a sua cultura, define um estilo! Rege comportamentos e atitudes.

É preciso que a presidência imprima um novo estilo, exprima uma inarredável vontade de mudar existente no seio da comunidade profissional.



## A Marcha da Insensatez

Nos seus últimos dias de mandato, após 6 anos ininterruptos de gestão, a direção do CFA enveredou por uma ganância desenfreada sem precedentes na história da profissão.

Nos desígnios malsãos de eleger o seu sucessor, perdeu os limites do bom senso e da prudência. Tentou fazer em menos de dois meses o que não havia realizado em 6 anos. E gastou perigosamente, sem pudor.

O Sistema perdeu o sentido de autocrítica e de limites.  
E para que isso?

Apenas na busca malsã do apoio que assegurasse à chapa situacionista os votos que lhe faltavam para garantir a continuidade de gestão, a manutenção de uma cultura de insensatez na condução de nossa entidade.

Tenho um profunda desilusão dessa gente e de seus propósitos. Nada podemos esperar deste Sistema CFA/CRA's com o continuísmo de práticas tão bizarras de obtenção de votos.

O interesse pessoal, fisiológico, restrito, forma a razão de ser de nossa política profissional, a base das relações de nosso Sistema.

A corrupção de hábitos e de atitudes começa pelo aluguel de solidariedades para a conquista de votos, para dar ou beneficiar uns em detrimento de outros: a falta de equidade viola a democracia e conspurca a profissão! Frágiliza institucionalmente o nosso Sistema.

## O Processo Eleitoral no CFA

Nunca se viu desbragamento tão audaz nos processos de convencimento de votos: o CFA perdeu o caráter de

instituição nacional para transformar-se em instrumento de exploração eleitoral, caso a caso, um a um, voto a voto, num festival de preferências, de privilégios e de benesses.

Falamos tão mal dos políticos e da política, mas reeditamos as suas práticas e mazelas com a maior desfaçatez!

## A Crise de Nosso Tempo

Viver por tanto tempo uma crise de nosso Sistema CFA/CRA já é duro. Viver acreditando que ela seja produto da fatalidade significa torná-la uma crise de pensamento. E viver acreditando que o aqui e agora sucede algo de muito novo é torná-la uma crise de conhecimento. A profissão arrasta há décadas taxas de fiscalização e de registros risíveis, os nossos números são baixíssimos em relação ao enorme contingente de profissionais de Administração e de campos conexos que se graduam todos os semestres. E nada, absolutamente nada, nenhuma ação efetivamente concreta se realiza para reverter esse quadro de iniquidades. Somente repetitivos e burocráticos, cansativos discursos sobre o óbvio: como se apenas palavras pudessem transformar este quadro de desempenho desalentador.

## Eternização dos Problemas

Os velhos problemas de nossa profissão, vale dizer do Sistema CFA/CRA, possuem uma característica absolutamente em comum: perene atualidade.

São sempre os mesmos!

À falta de uma corajosa solução, os velhos problemas continuam sempre atuais. São o cadáver insepulto que re-

presenta o nosso atraso em relação às demandas de nossa comunidade profissional.

## Respeito aos Compromissos e ao Programa

Não desejamos levar para a Direção do CFA (Direx) um homem, sendo quem quer que seja. Não podemos e não seremos oportunistas para recolher adeptos juntos aos demais colegas numa simplória troca de interesses. O único interesse a nos pautar será o bem comum da profissão.

Sabemos reconhecer o valor moral, profissional e político de cada um; mas, por maior que seja, esse colega nunca será maior do que uma só das ideias fundamentais de nossa ideologia, doutrina, credo profissional ou de nosso programa.

Não prometemos para faltar, nem afirmamos para não cumprir.

## A Ideia de Servir

Ouçó falar muito bem de certas gestões porque realizaram muito e fizeram muitas coisas. É evidente que não será privilégio de nossa gestão fazer muito.

Muito faremos, certamente!

Mas não serão as coisas que faremos que efetivamente vão marcar a nossa gestão. Esta não será a marca da gestão do Grupo dos 11, líder do movimento renovação total de nosso Sistema nos últimos dois anos.

O que vai nos marcar será a ideia do sacrifício, a ideia do servir, de estar disponível.

É preciso criar um espírito de equipe em todo o Plenário, desenvolver a mentalidade, dar um sentido de missão,

de realização, a convicção de que é preciso recuperar o tempo perdido, de não desperdiçar tempo.

## Fazer Uma Coisa e Outra

O Sistema CFA/CRA precisa superar o falso dilema hamletiano de ser uma coisa ou outra; escolher uma direção ou outra; de fazer uma coisa ou outra.

Este é um pseudointelectualismo racionalista.

Numa profissão em que há ainda tudo por fazer, não se deve usar o ‘ou’ mas o ‘e’: é preciso fazer isto e aquilo.

Vamos todos meter as mãos à obra, botar a mão na massa, muito realizar, e tudo ao mesmo tempo.

## O Compromisso de Uma Verdadeira Missão

As condições objetivas em que vivemos, exigem de todos nós mais do que um simples desejo de mudança e de transformação, de dar contemporaneidade à nossa entidade com o Século XXI, mais do que tudo isso, exigem sim, de todos nós, o compromisso de uma verdadeira missão.

O certo é que os sacrifícios que competem aos colegas, conselheiros federais, aqui presentes, são os mais duros; os serviços e tarefas que se nos reclamam são os mais penosos; e as recompensas que se nos oferecem, as mais insignificantes.

Mas vale a pena realizar e superar os desafios, se a “alma não é pequena”, como nos diz Fernando Pessoa.

O movimento renovação total do Sistema CFA/CRA pode representar apenas uma esperança de que a profissão possa conquistar a representatividade e a expressividade que merece e que o Brasil reclama. Mas não exis-

tem outras esperanças nestes tempos em que vivemos.

Outras alternativas que se colocam são a manutenção da mesmice!

## O Mandato como Um Dever

O exercício do mandato de conselheiro federal há de ser como um dever, com um sentido de realização. Um sentido de servir à profissão.

Não pode ser um exercício de poder como alguma coisa hedonista, como um gozo de privilégios e dos favores que se pode dar aos amigos e aliados em troca de apoio e de votos no Plenário, em busca de unanimidades espúrias. Muito menos pode ser o exercício do poder para intimidar e chatear, constranger os inimigos e adversários, àqueles que se contrapõem ao que pensamos e realizamos.

Viva a diferença!

Salve a controvérsia!

A vontade de nossa categoria, como um todo, reclama alguma coisa de novo, de muito novo, muito além das postulações em torno da Presidência e da Vice-Presidência do CFA.

## Um Verdadeiro Sistema CFA/CRAs

O problema fundamental da profissão consiste em processar a transição de um sistema ainda autoritário, desconjuntado, burocrático e jurídicista para uma cultura democrática e de respeito recíproco entre as partes, em que um verdadeiro sistema enfim se realize como tal.

Esse propalado Sistema CFA/CRAs jamais existiu efetivamente; ele é apenas um arremedo!

É preciso colocar o CFA a serviço dos Regionais!

## Caminhante

A caminhada é dura, mas vale todos os sacrifícios.

“Caminante, no hay camino a mapear. El camino se hace al caminar”.

Não, não temos um novo caminho.

O que temos de novo é o jeito de caminhar: caminhar junto, caminhar com todos, caminhar com cada um!

Somos nós que fazemos o nosso caminho.

Enquanto se caminha sozinho é muito difícil se encontrar o caminho.

Caminhar juntos é a conscientização da necessidade fundamental do homem de jamais admitir ser só, agir só: o homem é um animal social!

Só assim se sente seguro, forte, animado, estimulado, volumizado, defendido, apoiado, criativo.

A força do homem é a solidariedade coletiva. A força do Sistema CFA/CRA é a nossa solidariedade, a ação conjunta articulada.

## Trabalho Coletivo

Quero ser apenas a expressão de um trabalho coletivo. O Presidente do CFA é o líder de uma equipe de conselheiros e de funcionários comprometidos com a profissão e com a Administração. Apenas isso!

Uma nação, um povo e, mais ainda, uma profissão que precisa de um herói ou de um salvador não merece ser salva.

Herói é quem quer ser o que é.

E como bem dizia Bertold Brecht em “Galileu Galilei”, “infeliz o país que não tem heróis; não, infeliz o país que tem necessidade de heróis”.

Querer salvar é sublime, julgar-se um salvador é ridículo.

Mais do que nunca, voltarei a aplicar em minha já longa trajetória profissional o meu conceito pessoal do que seja administrar no exercício de funções de cúpula no mundo das organizações e no universo da sociedade. Para mim, Administrar é PAGE!

Pajé, o sábio da tribo. Só que o meu pajé não é com j, mas com g.

P- Propor temas;

A- Atrair talentos;

G- Gerar eventos;

E- Estruturar sistemas e institucionalizar a mudança.

Vamos propor novos temas, revolucionar conceitos, mudar percepções e comportamentos, questionar valores arraigados, rever convicções, ter um novo olhar sobre a realidade que nos envolve, respeitar o passado, mas fixar o futuro na ação do presente. É preciso tanger a letargia do anacronismo do ser e do agir.

Vamos atrair talentos onde quer que estejam. Profissionalizar a gestão do sistema com o que há de melhor dos quadros profissionais em quaisquer áreas em que atuemos. Na Administração não há lugar para amadorismo.

Gerar eventos para testar e aprender com a experiência, introduzir e consolidar inovações, fecundar a criatividade, a participação e a colaboração. Através dos eventos incorporar novas realidades, aprender a ver o que é visível mas não é visto.

Vamos estruturar sistemas para institucionalizar a mudança.

As mudanças só persistem se forem incorporadas nas mentes e nos corações dos protagonistas, se passarem a fazer parte de cada um e de todos.

## Soy Loco por Ti, Administração!

É assim que se discute e prática política em nosso Sistema. É com esta exemplar dose de cara de pau que se procura puxar brasa para a própria sardinha e prejudicar o adversário, pouco importando que seja um colega de profissão.

Esse Wagner, cuidado com ele: “é um louco”, “um delirante”, “um autocrata”, “não respeita ninguém”, “detesta funcionários”, “vai demitir todo mundo”...

O ânimo calunioso é de preceito. É preciso inventar toda a sorte de balelas, explorar malignamente toda a sorte de carapetões, ou seja, de mentiras e de aleivosias.

É assim que se envenena a consciência de cada colega, e se desorienta a opinião para melhor poder arrastá-la em favor de interesses subalternos, na busca indiscriminada de apoios e de votos.

### Três Pilares da Acusação

Parodiando Rui Barbosa durante a Campanha Civilista:

- Quem faz a acusação?
- Qual é a acusação?
- O que motiva a acusação?

Neste mundo de hipocrisia e de cinismo, nada é verdade nem mentira. Todos são da cor do espelho com que se olha.

O Que Somos?

Penso, logo, existo!

Penso, logo, hesito!

Penso, logo, desisto!



- Nós somos aquilo que pensamos que somos, mas não somos. Apenas pensamos que somos;

- Nós somos aquilo que gostaríamos de ser, mas não somos. Apenas gostaríamos de ser;

- Nós somos aquilo que os outros pensam que nós somos, mas não somos. Apenas os outros pensam que somos;

- Nós somos aquilo que os outros gostariam que nós fôssemos, mas nós não somos. Apenas os outros gostariam que fôssemos. .... E por aí vai!

- Nós somos tudo isso. E talvez não sejamos nada disso!

Como são maravilhosas as pessoas que nós não conhecemos.

“Prefiro os que me criticam porque me corrigem, aos que me elogiam porque me corrompem”, é o que nos ensina Santo Agostinho.

Claro, isso não quer dizer que toda censura seja corretiva, nem que todo elogio seja corruptor. É preciso sempre avaliar a motivação de quem o faz.

Tanto o elogio quanto a censura têm que ser ponderados, equilibrados, harmonizados, sopesados em sua validade e legitimidade para não serem distorcidos e infectados pela bajulação ou pelo casuísmo interesseiro.

Hei de morrer como tenho vivido, desprevenidamente!

Cada um de nós tem um ponto distante, uma utopia, um sonho, e é em direção a ele que devemos nos deslocar, nos aproximar, dia a dia, hora a hora, até o fim de nossa existência.

O meu ponto distante, a minha utopia é a afirmação profissional da Administração no Brasil.

Juntos talvez possamos realizá-la. Sozinhos, jamais!

Digo não só aquilo que o colega conselheiro federal quer ouvir, digo fundamentalmente aquilo que a minha consciência me manda dizer.

Não ajusto o meu discurso, as minhas palavras, as minhas ideias ao que o interlocutor quer ouvir, mas aquilo que julgo que ele precisa saber para melhor decidir e agir.

Digo o que penso. Claro, sempre posso estar errado. E como me equivooco! E como os argumentos e razões do interlocutor me mudam e alteram o meu modo de perceber.

E, por isso, volto atrás sim. E como volto. “Não tenho compromisso com o erro”, como JK gostava de dizer.

## **A Busca de Nosso Monte Everest**

Eu admiro e adoro aquele que deseja o impossível: é se tentando alcançar o impossível que se chega ao possível.

Temos que ter o nosso Monte Everest, conforme tão bem insistiu o palestrante na palestra realizada na última sessão deste Plenário em dezembro recente de 2016.

Dizia o palestrante: “muito louco e muito empreendedor! Tentar o impossível para realizar o possível”.

Eu sonho com coisas diferentes para a nossa profissão e me pergunto: por que não? Certamente porque ainda não tivemos a sensatez de realizar o possível.

Quando a gente sonha sozinho, não passa de um sonho. Quando a gente sonha junto, a realidade se transforma.

Vamos juntos compartilhar os nossos sonhos e utopias, fecundar uns com os outros, transformá-los em realidade.

Todos juntos: Plenário, funcionários do CFA e dos CRAs, comunidade profissional, todos juntos. Pra frente Administração!

O impossível é, muitas vezes, o possível obtido à custa de muita determinação e de convicção, de muito debate e de discussão, de busca de consenso e de respeito às minorias e às divergências.

O impossível é alcançável quando se busca os pontos de encontro nas divergências, o MDC nos pontos de vista distintos.

Vivamos autêntica e intensamente nossas diferenças!

Mas busquemos sempre avançar em torno de nossas convergências.

## **Ainda o Nosso Monte Evereste**

Num sistema, ou numa organização, ou numa sociedade injusta e tão desequilibrada, burocrática, pouco democrática, e, essencialmente, centrada em trocas e barganhas, quem clama por justiça, quem clama por mudança e por desenvolvimento para todos, quem clama por relações equitativas e equilíbrio entre os iguais, é tido como mirabolante, visionário, delirante, sonhador e louco. Nos desvãos dos bastidores das plenárias e das assembleias muito mais assacaram pessoalmente contra mim com o propósito maléfico de me descredibilizar junto aos colegas.

Colocar o nosso Sistema no Século XXI é o nosso Monte Evereste. E não vamos subir apenas ao ponto base da montanha, como fez o nosso palestrante. Vamos atingir o topo do mundo - o pico do Evereste a 9 mil metros de altura.

A tragédia de uma profissão não é a sua extinção como categoria legalizada e regulamentada, mas a sua morte psicológica, que advém da descrença e do desânimo de seus dirigentes e de sua comunidade profissional de que novos

rumos poderão ser perseguidos para retirar a profissão da senda da desregulamentação produzida pela invasão de seu campo profissional, pela desagregação que contamina e infecta, que infecciona o cotidiano da profissão, pela arrogância anacrônica e aristocrática de seus dirigentes clasistas, que não conseguem perceber e se contemporizar com as circunstâncias dos tempos presentes.

## A República das Moscas

Sem nobreza de ideais e autenticidade de intenções, essas oligarquias de cardeais que por tanto tempo têm dominado a Direção do CFA têm vida mais longa ou mais efêmera. Mas se mantêm e se reproduzem. E as ambições pessoais que as engendram são as mesmas que as destroem para o acesso a outros, que em tudo se equivalem.

Diante de tal quadro de lideranças, o Sistema CFA/CRA não oferece os requisitos indispensáveis à construção de um novo tempo. As exceções apenas confirmam a regra.

Somos uma República das Moscas!

Nos últimos 25/30 anos, tivemos neste CFA apenas 3 ou 4 presidentes, o que por si só comprova as iniquidades de nosso processo eleitoral e político.

Bolívar dizia: "nada é tão perigoso como deixar um cidadão permanecer no poder por muito tempo". Pior: não mudamos nem de pessoas nem de ideias!

A vitória eleitoral da chapa de oposição liderada pelo Grupo dos 11 é um fato sem precedentes na história de nossa profissão. Não há registro na memória nas eleições da profissão de vitória da chapa de oposição nos 51 anos de nossa história.

Coeso por 2 anos, firme na linha oposicionista, o Grupo

dos 11 resistiu a toda sorte de investidas, de ameaças e de seduções, de discriminações e de alheamentos.

Este Plenário paralisado por anos e anos pelo narcótico das unanimidades e das maiorias construídas sem debates e sem busca de reais entendimentos; este Plenário paralisado por décadas de submissão, de elogios insinceros e farisaicos, e por que não dizer, até algumas vezes por subserviências e concordâncias interesseiras, precisa se desfeudar e se sanear com o vento da transparência e dos debates para efetivamente se dirigir aos legítimos e reais interesses e necessidades da profissão.

## Renovação Total

O CFA precisa processar uma transformação total de seus conceitos, de suas práticas e de suas ações, de seu comportamento e, portanto, de seu desempenho institucional.

Renovar-se não é uma operação simples, automática. É um processo que passa por autocríticas dolorosas, muitas vezes constrangedoras. Vamos vive-las intensamente.

Numa categoria tão complexa quanto a que constitui a comunidade profissional da Administração, aqueles empenhados em transformar as relações existentes e o quadro de circunstâncias de nosso Sistema CFA/CRA's precisam se criticar reciprocamente, se reeducarem uns com outros. É o que vamos fazer: aprender a aprender os hábitos da busca da convergência na divergência.

A eficácia da transformação pretendida depende da liberdade de crítica assegurada uns aos outros. A verdadeira Renovação Total passa a depender cada vez mais do pluralismo.

O Sistema CFA/CRA's é essencialmente político!

É preciso tanger essa cultura de maneirismos de nosso

processo de gestão da entidade. É preciso profissionalizá-la.

A pior forma de opressão é a falta de consciência do oprimido do processo de opressão a que está submetido, como Paulo Freire gostava de dizer.

Aqui, mais do que nunca, o forte oprime o fraco!

A dificuldade financeira de alguns regionais os torna inteiramente dependentes dos ditames do CFA, conspurcando o conceito de sistema e de busca conjunta de autonomia.

É preciso extirpar o toma-lá, dá-cá!

É preciso dar um fim à indignidade do TAC (termo de ajuste de conduta) com os CRAs menores, essa falta de respeito aos colegas gestores de regionais; dotar de condições e de processos de trabalho estruturantes, de ferramentas adequadas para o desenvolvimento dos regionais menores. A doação do peixe não pode ser a moeda de troca das barganhas indevidas e das opressões desnecessárias.

É preciso instituir indicadores de desempenho que premiem o esforço de cada um.

Como dizia Marx, “de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades”.

## Fazer a Autocrítica

Não implica deslizar em fantasia reconhecer que um país, uma organização ou uma pessoa que pouco reflete sobre si mesma está condenada a repetir erros e não aprender com a experiência, cair em impasses, entrar em becos sem saída.

Necessitamos de uma maneira essencialmente nova de pensar o nosso Sistema, se quisermos sobreviver.

É preciso ter a coragem de quebrar paradigmas, dizer isso para agir em direção à mudança necessária.

Não falo talvez o que alguns colegas aqui neste Plenário gostariam que eu dissesse, digo o que a minha consciência me manda dizer neste momento histórico da profissão, no raiar, no crepúsculo matutino de um novo tempo para o Sistema CFA/CRA.

## Finalização

Sei que preciso parar de falar. Muito mais tenho a dizer, mas o farei ao longo desses próximos dois anos de gestão.

Surpreendentemente para alguns, vou ouvir e aprender bem mais do que falar.

Basicamente, estarei a serviço de todos, principalmente do que me mandarem fazer na Diretoria e neste Plenário. Serei a expressão da vontade do Plenário!

A vida é um gesto que se faz ou não se faz. Não são apenas palavras.

Muito mais precisa ser dito e mais ainda precisa ser feito. Muito faremos.

À guisa de conclusão, lhes digo ainda: a pior das corrupções é a corrupção do melhor. O pior dos homens é aquele que, sendo hipócrita, quer passar por bom; sendo infame, fala da virtude e do pundonor, ou seja, da dignidade, do ponto de honra, do decoro e do recato. Uma unanimidade conservadora anacrônica

Vou confidenciar a vocês um sentimento bem íntimo, desculpem-me compartilhar com todos: o que mais me incomoda mesmo no CFA é a unanimidade conservadora, constatada por mim nestes últimos 30 anos em que por três vezes fui presidente do CRA-RJ. É a repetição anacrônica da mesmice, da arrogância aristocrática, do desconhecimento das transformações ocorridas num

mundo globalizado e de economia mundializada.

As ideias que brotam aqui na realidade não brotam, mas renascem como velhas bananeiras, que depois de muitos e muitos cortes dão sempre as mesmas bananas.

Estamos sempre nos repetindo!

Sempre as mesmas práticas e os mesmos debates, até se descobre e se inventa a pólvora a todo o momento. O debate nos plenários e nas assembleias de 1986 é o mesmo de 2016. A mesmice apresentada por todos e por cada um vem sempre edulcorada como novidade e originalidade.

## O maior de todos os desafios

O difícil não é matar o monstro, mas remover os seus escombros.

Como remover a carcaça do monstro? Acabar com a ditadura é fácil, difícil é retirar seus escombros!

Como remover o monstro de uma cultura de lassidão com os verdadeiros compromissos com o profissional que está no seu posto de trabalho, na sua estação em seu escritório, que está em busca do emprego, ou que ganha salários aviltantes?

A profissão existe no chão de fábrica ou na estação de trabalho do colega. É para esse espaço que devemos avançar para ampliar o mercado em favor de nossos colegas.

## Igualdade de Oportunidades

Como presidente do CFA, levarei o verbo, não as verbas. As verbas serão as decorrências dos compromissos com a profissão, não decorrências dos acertos e das barganhas.

As convicções levam às alianças e às mudanças. As con-



veniências levam aos comparsas, aos subservientes, à submissão, aos sequazes, à opressão dos mais fortes sobre os mais fracos.

É preciso equalizar a todos os regionais em suas oportunidades e circunstâncias. É preciso garantir ao gestor do pequeno regional condições objetivas de realização institucional, independência e autonomia.

## **O contrário do medo não é a coragem**

Há muito a fazer: o desafio é gigantesco. Mas não temos medo!

O contrário do medo não é a coragem. É a convicção.

Quem tem convicção, tem coragem. Tem entusiasmo. Não tem medo.

Não temos medo porque temos convicção de que o atual estado de coisas deste Sistema CFA/CRA efetivamente pode ser transformado, modernizado, humanizado.

É preciso ser respeitoso com os colegas, focar prioritariamente a nossa razão de ser: os nossos clientes-contribuintes pessoas físicas e pessoas jurídicas registradas.

Muito obrigado.





DISCURSO DE  
**POSSE**  
CFA 12.01.17  
ADM. WAGNER SIQUEIRA

Se é sobre Administração, está nas mídias do CRA-RJ. Siga-nos!



CRA RJ



twitter.com/crarj



youtube.com/user/crarj



cra\_rj



CRA RJ



academicocrarj.com



CRARJ



CRA-RJ

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-99386-30-9



9 788599 386309